

Os Cinco Axiomas Conjeturais da Comunicação Aplicados a um Estudo de Caso Clínico

Cynthia Silva Machado¹

Claudia Marinho Ribeiro²

Resumo

A comunicação é um fenômeno complexo e que se configura como solo fértil para pesquisas científicas com as mais diferentes abordagens e campos do conhecimento. Na clínica psicológica, seja individual, familiar ou conjugal, conhecer alguns fundamentos da comunicação se torna fundamental, uma vez que toda intervenção vem da interpretação de algum conteúdo comunicado. O presente artigo visa à discussão de um fragmento de caso clínico, tendo como queixa principal a dificuldade no relacionamento amoroso à luz dos Axiomas Conjeturais da Comunicação, propostos por estudiosos americanos de Palo Alto, Califórnia. A análise evidencia o quão importantes esses conceitos se configuram para o entendimento da interação comunicacional nas relações humanas, especialmente nos relacionamentos familiar e conjugal e como podem auxiliar na intervenção clínica, quando bem compreendidos. Além deste referencial, oportunamente, contribuições oriundas da teoria psicanalítica também foram incluídas neste trabalho.

Palavras-chave: axiomas conjecturais da comunicação, estudo de caso, psicoterapia

The Five Conjectural Axioms of Communication Applied to a Clinical Case Study

Abstract

Communication is a complex phenomenon and it reveals itself as a fertile ground for scientific research, with many different approaches and fields of knowledge. In the Clinical Psychological, whether it is an individual, a family or marital, to get to know some of the basics of communication, it becomes essential, since every intervention comes in the interpretation of any of the content communicated. This article focuses on the discussion of a passage from the case study, having as their chief complaint the difficulty in the love relationship, in the light of the Axioms Conjectural of Communication, as proposed by American scholars in Palo Alto, California, USA. The analysis shows how important these concepts are structured in order to understand the interaction of communication in human relationship, especially in family relationship and marital relationship, and how they can assist in Clinical intervention, which is well

¹ Psicóloga, Filósofa, Mestra em Serviço Social pela Unesp, Especialista em Fundamentos da Clínica Psicanalítica, Terapeuta de Casal e Família – ITF/MG.

² Psicóloga, Mestra em Desenvolvimento Organizacional e Terapeuta de Casal e Família – ITF/MG. Professora de graduação e pós-graduação na FAI – MG.

understood. In addition to this framework, contributions from psychoanalytic theory were also included in this work.

Keywords: *axioms conjectural of communication, case study, psychotherapy*

Introdução

Com frequência, o que mais se escuta nos consultórios psicológicos são queixas e problemas em que o “pano de fundo” parece estar sempre ligado à dificuldade de comunicação ou de compreensão. Em razão deste tipo de queixa insistente, debruçaremos na questão do quão difícil é a comunicação, muito especialmente a comunicação familiar, seja com filhos ou com o par conjugal. Por que é tão complicado se comunicar e se fazer entendido?

Com Humberto Maturana (2001 como citado em Guarnieri, 2007, p. 15), tem-se a definição de comunicação como linguagem: “Comunicação é linguagem. Nenhum comportamento, nenhum som, nenhum movimento isolado é comunicação. Mas se estiver inserido no fluir de coordenações consensuais da ação, é linguagem”.

O que nos constitui como seres humanos é a nossa existência no ato de conversar. Em sentido estrito, considera-se que o humano surgiu quando nossos ancestrais começaram o viver no conversar como uma maneira cotidiana de vida que se conservou, geração após geração, pela aprendizagem dos filhos.

A comunicação é a matriz na qual estão encravadas todas as atividades humanas e, na prática, é o processo no qual relaciona os objetos com as pessoas e as pessoas entre si, formando os sistemas de interlocução. Além disso, o corpo todo é um emissor e receptor de informações. Conforme aponta Ruesch e Bateson (1951), a comunicação não se refere somente à transmissão verbal, explícita e intencional de uma mensagem, tal como nós utilizamos. O conceito de comunicação inclui todos os processos por meio dos quais as pessoas se influenciam mutuamente.

Para tanto, este artigo visa à discussão de um recorte de caso clínico à guisa dos cinco axiomas conjecturais da metacomunicação, propostos pelos estudiosos de Palo Alto, Califórnia, nos EUA.

Além dos estudos citados, fez-se uma pequena incursão na teoria Psicanalítica, destacando-se Winnicott e a comunicação nas relações primitivas e, também, alguns autores que se dedicam ao estudo dos fenômenos denominados de narcísicos. Outrossim, o inconsciente freudiano (Freud, 1915/1996), o qual funciona como uma espécie de “máquina do tempo”, também foi visitado, a fim de ilustrar um determinado cenário em que a paciente, objeto do caso clínico descrito a seguir, parece viver em uma espécie de incursão ao mundo imaginário.

Por ora, importa ressaltar que, na concepção pragmática, a comunicação e o comportamento tornam-se sinônimos, pois “todo o comportamento, e não somente o discurso, é comunicação, e toda comunicação – mesmo os signos que marcam a comunicação num contexto impessoal – afetam o comportamento” (Watzlawick et al., 1967, p. 16).

Ressalta-se que os primeiros vínculos emocionais e afetivos ocorrem no contexto familiar e influenciam a vida dos futuros adultos. A comunicação que se estabelece nessa fase, especialmente nas relações familiares, pode favorecer ou prejudicar o desenvolvimento sadio das pessoas. As falhas

neste tipo de comunicação podem indicar um ambiente relacional pouco responsivo, implicando numa precariedade em estabelecer uma comunicação consigo mesmo, não reconhecendo seus estados emocionais, tampouco sendo capaz de reconhecer os dos outros.

Na apresentação deste recorte de caso, é possível pensar em falhas na comunicação primária, trabalhada por Winnicott (1990), o que influenciou o desenvolvimento emocional da paciente em questão. Ressalta-se que, para esse autor, a comunicação se engendra a partir das primeiras experiências relacionais do sujeito que ocorrem na relação com a figura que exerce a maternagem. A comunicação se origina no silêncio da relação mãe-bebê. “O ato de comunicar se refere a uma posição de estar em relação a estar verdadeiramente em contato com o outro nos mais diferentes níveis relacionais, inclusive colocando para o outro os seus limites” (McDougall, 1978/1983 como citado em Féres-Carneiro et al., 2017, p. 1776).

Os axiomas da comunicação humana têm referência às condições inerentes a toda comunicação e que sempre estão presentes. A Teoria da Comunicação Humana apresenta um enfoque comunicacional nutrido na Cibernética, na Engenharia da Comunicação, na Antropologia e na Teoria Geral dos Sistemas, na qual se fundamentam os axiomas da Comunicação Humana em Paul Watzlawick, Janet Beavin e Don Jackson, que fazem uma correlação com a Terapia Familiar Sistêmica e o modelo interacional pragmático da comunicação, com aplicabilidade geral nas ciências sociais e psicológicas.

A Pragmática da Comunicação Humana de Watzlawick et al. (1967) evidencia os cinco axiomas ou regras básicas da comunicação, que serão descritos seguidos da análise do caso Flora, no qual se apresentam dados gerais da pessoa atendida, queixas iniciais e os motivos que a trouxeram à psicoterapia. Também será estabelecido um diálogo com os aspectos teóricos expostos, visando à compreensão das queixas e à construção da demanda clínica. Para preservar a identidade do casal e da família, usaremos nomes fictícios. Após a análise, apresentam-se as considerações finais e as referências utilizadas.

Os Cinco Axiomas da Comunicação

Axioma Um: A Impossibilidade de Não Comunicar

Assim como o comportamento não apresenta uma possibilidade de um oposto que seria um “não-comportamento”, com a comunicação o mesmo ocorre, como afirmaram Watzlawick et al. (1967). Quando se comporta, o sujeito transmite, ainda que de maneira não-intencional, alguma mensagem, estabelecendo uma comunicação. Mesmo que em silêncio, pode-se comunicar inúmeros incômodos, inquietações, sentimentos, entre outros. É possível influenciar e ser influenciado, conforme apontam os autores da teoria: “Atividade ou inatividade, palavras ou silêncio, tudo possui um valor de mensagem; influenciam outros e estes outros, por sua vez, não podem não responder a essas comunicações e, portanto, também estão comunicando” (Watzlawick et al., 1967, p. 45).

A respeito da comunicação, Winnicott (1990), ainda que numa linha de pensamento distinto, afirma que a comunicação pode simplesmente se originar da não-comunicação, reforçando a ideia do primeiro axioma.

Na relação conjugal, em especial, a comunicação tem lugar primordial, pois a intimidade e a intensidade, inerentes a esse tipo de relação, propiciam maior possibilidade de ruídos, encontros e desencontros. Muitas vezes, diante de conflitos, os casais, ou um dos parceiros, optam pelo silêncio ou pela falta de ação como formas de se esquivar da comunicação conflituosa e vê-se que, ainda assim, as mensagens são transmitidas com a mesma intensidade de uma discussão árdua, não alcançando o objetivo de apaziguamento ou solução do problema. Pelo contrário, dependendo da situação, a opção pelo silêncio ou esquivas pode representar um agravamento na relação.

Além de esquivas, o silêncio pode representar também uma “ação” nada passiva, sobretudo nas relações abusivas. De acordo com Martins (2009, p. 38), nesses tipos de relações, nas quais um dos parceiros pode ser identificado como o que a Psicanálise classifica como perverso narcisista, há uma violência silenciosa por ser velada e insidiosa, “não assumida pelo agressor, negada e denegada por ele”. Neste tipo de relação, o silêncio se dá pela maneira como o parceiro perverso conduz os acontecimentos, posicionando-se como um sujeito sem ação e inculcando no outro a culpa pela situação.

Além dos elementos apontados, também pode-se considerar a linguagem corporal como importante fonte de comunicação:

A afirmação de que sempre nos comunicamos está vinculada à interpretação do corpo como linguagem, isto é, ao fato de que o inconsciente revela-se sempre, queiramos ou não. A psicanálise clássica baseava-se na linguagem do corpo para capturar processos psíquicos internos, de difícil acesso à consciência. Já que o ego, estrutura consciente e censora, inviabiliza racionalmente o ingresso do analista e do paciente às estruturas subterrâneas, que, não obstante aparecem nos sonhos, nos atos falhos e nos chistes, cabe ao médico ir em busca dessas pistas por meio do comportamento do paciente. E, como comportamento é comunicação, a maneira como o corpo se coloca, a posição do tronco, dos braços, das pernas, as expressões, a postura, a entonação, o olhar, o sorriso, as mãos, tudo isso trai o paciente, denunciando, trazendo à luz seu inconsciente. (Marcondes Filho, 2006, pp. 106-107)

Axioma Dois: Toda Comunicação Tem Dois Componentes: A Mensagem (ou Conteúdo) e a Relação entre os Interlocutores

A partir da premissa de que toda comunicação se refere a uma posição de estar em relação ao outro, tomemos o que ensina Watzlawick et al. (1967), de que toda comunicação implica um compromisso, um comprometimento, que por conseguinte, define uma interação entre os interlocutores, ou seja, entre o emissor e o receptor.

Há dois atributos na comunicação humana: a informação, também chamada de mensagem ou conteúdo e a relação que se estabelece na comunicação, que é a ordem, a interação afetiva entre interlocutores. Assim sendo, a função informativa é apenas parte da comunicação, pois há que se

relevar o lugar que cada um dos interlocutores ocupa na relação comunicacional e o clima em que o conteúdo se manifesta.

O conteúdo da mensagem transmitida é interpretado pelo receptor de acordo com a relação entre o receptor e o emissor. O aspecto "relato" de uma mensagem transmite informação e, portanto, é sinônimo, na comunicação humana, do conteúdo da mensagem. Pode ser sobre qualquer coisa que é comunicável, independentemente dessa informação particular ser verdadeira ou falsa, válida, inválida ou indeterminável. O aspecto "ordem", por outro lado, refere-se à espécie de mensagem e como deve ser considerada; portanto, em última instância, refere-se às relações entre os comunicantes (Watzlawick et al., 1967, p.46). Por isso, toda comunicação refere-se a uma metacomunicação. A Metacomunicação, de acordo com Ruesch e Bateson (1951), que introduziram e definiram este termo, é definida como *a comunicação sobre comunicação [itálico nosso]*. Descrevem-na como todas as sugestões e proposições trocadas sobre (a) codificação e (b) relacionamento entre os comunicadores.

A função informativa da comunicação é uma das funções, mas não somente, pois comunicação se refere a uma posição de estar em relação ao outro.

De acordo com Winnicott (1990), a comunicação se origina do silêncio, na medida em que pressupõe uma comunicação silenciosa entre o eu e o outro, através da vitalidade dos sentidos, anterior à primazia da linguagem verbal. A perspectiva winnicottiana concede, portanto, valor de narrativa aos elementos sensoriais, perceptivos e motores não expressos por meio de palavras.

Nessa direção, McDougall (1978/1983) acrescenta que o ato de comunicar se refere a uma posição de estar em relação, por meio da qual se torna possível estar verdadeiramente em contato com o outro nos mais diferentes níveis relacionais. A esse propósito, Roussillon (2005) ressalta a existência de uma "comunicação mimo-gesto-postural", ainda que a discursividade seja, em princípio, mais eficaz na comunicação. Desse modo, a função informativa da comunicação se apresenta como secundária diante das trocas primitivas. É importante atentar, portanto, para o clima emocional no qual as palavras são ditas, ou seja, devemos incluir, além do conteúdo verbal, a dimensão não verbal da interação, ambas fundamentais para a comunicação (Féres-Carneiro et al., 2017, p. 1776).

Axioma Três: Pontuação de Sequência de Eventos

Este axioma considera a interação, a troca de mensagens entre os comunicantes e sua sequência. Pelo que designaram pontuação de sequência de eventos, Watzlawick et al. (1967) afirmam que, diferentemente da sequência de permuta estímulo e reforço (itens de entrada) e resposta (comportamento diante dos itens anteriores), tem-se uma sequência de permuta mais extensa, na qual todos os itens são simultaneamente estímulo-resposta-reforço.

Desta forma, ao se comunicar, um conteúdo que poderia ser considerado como resposta ao estímulo de um interlocutor, tornar-se-ia estímulo para a mesma situação, dependendo da maneira como a sequência foi pontuada e percebida pelos envolvidos e observadores. No trabalho clínico com casais, é comum se ver a tentativa dos parceiros de explicarem seus comportamentos, argumentando que agem de tal maneira em resposta à forma como age o outro e este, por sua vez, aponta que seu

comportamento é justificado pela ação do primeiro; tem-se, nesse caso, uma pontuação de eventos, na qual justifica-se: “Eu sou assim porque ele faz isso comigo” e “Eu faço isso por conta do seu jeito de ser”.

Sendo assim, inicia-se uma sequência de eventos, nos quais nem sempre é possível identificar o que é estímulo, reforço e o que é resposta. Sem a existência de uma metacomunicação, essa interação se dará ininterruptamente, conforme apontam Watzlawick et al. (1967, p. 50): “... é de uma natureza oscilatória sim-não-sim-não-sim, que teoricamente pode prosseguir *ad infinitum* e quase invariavelmente se faz acompanhar, como veremos adiante, pelas típicas acusações de maldade ou loucura”.

Na metacomunicação, os envolvidos buscam compreender como está se dando a comunicação entre eles, falando abertamente sobre sua comunicação e ampliando sua consciência das pontuações feitas. Dessa forma, pode-se abrir espaço para uma mudança no padrão de comunicação entre os interlocutores e saída do contínuo de pontuação de eventos. Segundo Ruesch e Bateson (1951, p. 209): “Todos esses critérios para a existência de consciência mútua são construídos juntos para dar uma imagem da ordem inteiramente nova de comunicação que emerge com essa consciência”.

Não se trata de tentar buscar a origem da pontuação de eventos, nem de buscar culpados, mas sim de utilizá-la para a compreensão da relação e o que a sequência busca comunicar no contexto trazido pelo casal: “A natureza de uma relação está na contingência da pontuação das sequências comunicacionais entre os comunicantes” (Watzlawick et al., 1967, p. 51).

Discutir se uma sequência comunicacional é boa ou má não leva a nada: o importante no entendimento do comportamento humano é notar que ela organiza os comportamentos das pessoas que se relacionam. Geralmente as pessoas só conseguem perceber que o outro iniciou uma discussão, e assim, só conseguem se perceber no papel de alguém que foi provocado, e está respondendo a uma situação. (De Mathis, 2013, p. 22)

Axioma Quatro: Toda Comunicação Tem Duas Formas de Expressão: A Comunicação Verbal (A Linguagem Falada e Escrita) e a Comunicação Não-Verbal (Analgica ou Gestual)

Este axioma complementa o axioma de que a Comunicação não tem oposto, ou seja, não há um não comunicar. Tudo é comunicação, mesmo que seja um silêncio.

O termo comunicação analógica, utilizado neste axioma, refere-se:

... a toda comunicação não verbal: o termo deve abranger posturas, gestos, expressão facial, inflexão de voz, sequência, ritmo e cadência das próprias palavras, e qualquer outra manifestação não-verbal de que o organismo seja capaz, assim como pistas comunicacionais infalivelmente presentes em qualquer contexto em que uma interação ocorra. As formas analógicas de comunicação referem-se, dessa forma, ao processo primário do psiquismo, ou seja, ao inconsciente e suas manifestações. Já as formas digitais relacionam-se aos processos secundários, a elaboração linguística e verbal da comunicação. (Watzlawick et al., 1967, p.39)

Neste sentido, os autores referem-se a uma “dupla moldura”: falas pessoais necessitam de uma moldura, (das bordas) para dar sentido a um fundo de significação. Comunicação é, assim, ao mesmo

tempo, “relação” e “conteúdo”: a relação corporal ou visual dos gestos encaminha o conteúdo verbal da mensagem. A margem ou moldura (comportamento analógico: aquilo que não é código, ou seja, nossa postura, nosso jeito) enquadra o texto (o digital: nossa fala expressa).

No entanto, é bom lembrar que as diversas formas de comunicação, sejam elas analógicas, digitais ou com qualquer outra denominação, não são suficientes para explicar o comportamento das pessoas. Existe algo além, perdido e ao mesmo tempo encontrado no meio dos sentimentos e que o homem não consegue nomear. O clima emocional, no qual as palavras ou gestos e o tom de voz são expressos, ou melhor, a forma como a comunicação é expressa, é relevante. Como já explicitado no Axioma dois, a comunicação é conteúdo e relação.

Bateson formulou a hipótese de que um dos equívocos básicos que ocorrem quando se traduz de um para outro modo de comunicação é a suposição de que uma mensagem analógica (não-verbal) e tal como o são as mensagens digitais(verbais) é, por sua natureza, afirmativa ou denotativa, tal como o são as mensagens digitais (verbais). No entanto, todas as mensagens analógicas são invocações de relações e, portanto, são propostas relativas às regras futuras da relação: pelo meu comportamento eu posso mencionar ou propor amor, ódio, combate etc., mas compete à outra parte atribuir um futuro valor de verdade, positivo ou negativo, às minhas proposições. É nesse ponto que residiria a origem de todos os conflitos. (Guarnieri, 2007, p. 20)

Axioma Cinco: Interação Simétrica e Complementar

Assim como na matemática, em que numa função pode-se ter diferentes arranjos de números, há inúmeras possibilidades de posições a serem ocupadas pelos sujeitos, manifestadas em uma relação de reciprocidade. As relações podem ser classificadas de duas formas: simétricas, quando se tem uma interação baseada na igualdade, e complementar, quando a diferença está presente.

No primeiro caso, os parceiros tendem a refletir o comportamento um do outro e por isso é que a sua interação pode chamar-se simétrica. Fraqueza ou força, bondade ou maldade, não são aqui pertinentes, pois a igualdade pode ser mantida em qualquer dessas áreas. No segundo caso, o comportamento de um parceiro complementa o do outro, formando uma espécie diferente de Gestalt comportamental, e dá-se-lhe o nome de complementar. Assim, a interação simétrica é caracterizada pela igualdade e a minimização da diferença; a interação complementar baseia-se na maximalização da diferença. (Watzlawick et al., 1967, p. 62)

Importante ressaltar que esses dois tipos de relações não são, necessariamente, bons ou ruins, e referem-se simplesmente “a duas categorias básicas em que todas as permutas comunicacionais podem ser divididas”, segundo os autores acima citados. As duas categorias poderão e deverão estar presentes em alternância nos relacionamentos saudáveis, não somente entre casais, mas também em outras relações, incluindo aquelas entre nações. Dependendo da situação, será necessário que o relacionamento seja simétrico e em outra, complementar.

Explanando um pouco mais sobre esses tipos de relação, podemos ilustrar a simetria na relação conjugal quando se identificam comportamentos semelhantes entre os cônjuges. Quando dois iguais se relacionam, poderá haver certa competitividade entre eles e, se houver um período de instabilidade

na relação, pode-se iniciar o que os autores chamam de escalação simétrica, que seria a patologia potencial da simetria, em que se tem “uma guerra mais ou menos aberta”, de acordo com os autores. Em um dos casos abordados na obra utilizada neste trabalho como principal referência - Pragmática da Comunicação Humana - para ilustrar a comunicação simétrica foram realizados recortes de uma entrevista preliminar de um casal e os autores analisam cada interação como sendo um “assalto”, reforçando a ideia de uma briga entre iguais. No atendimento a casais, nota-se, com certa facilidade, a escalação simétrica, quando um dos parceiros se mostra extremamente inflexível em suas convicções e comportamentos e seu cônjuge se posiciona da mesma forma, utilizando, muitas vezes, a fala do parceiro, chegando a um ponto de haver uma disputa sobre quem é mais inflexível, existindo uma rejeição a respeito do outro.

Ao contrário, quando o fator patológico não está presente, tem-se uma situação contrária, em que é possível se estabelecer uma boa convivência, com menor nível de rivalidade e concorrência.

Numa relação simétrica saudável, os parceiros são capazes de se aceitarem mutuamente tais quais são, o que leva ao respeito recíproco e à confiança no respeito do outro, e equivale à confirmação realista e mútua de seus respectivos eus. Se e quando uma relação simétrica se desintegra, observamos habitualmente a rejeição, mais do que a desconfirmação, do eu do outro. (Watzlawick et al., 1967, p. 96)

Nas interações complementares, têm-se duas posições entre os parceiros: uma superior e outra inferior, ou o que os autores chamam de posição primária ou "de cima" e secundária ou "de baixo". Sendo assim, os sujeitos se relacionam de modo que o comportamento de um complementa o do outro. Um exemplo nas relações conjugais, seria quando se tem um dos parceiros que se posiciona de maneira mais imperativa e o outro mais obediente, um mais calado e outro mais comunicativo. Dentro desse tipo de arranjo de comportamentos, muitos casais conseguem conviver harmonicamente por longos períodos. Esse tipo de interação também se dá, de forma geral, nas relações sociais, em que há complementaridades naturalmente constituídas como, por exemplo, chefe e subordinado.

Uma característica apontada pelos autores nesse tipo de interação é que um tipo de ação pode provocar no outro o comportamento contrário que fará o ajuste. “Um parceiro não impõe uma relação complementar ao outro, mas, antes, comporta-se de maneira que pressupõe o comportamento do outro, enquanto que, ao mesmo tempo, fornece razões para tal comportamento: as respectivas definições de relação encaixam-se” (Watzlawick et al., 1967, p. 63).

Em termos patológicos, enquanto se tem a escalação simétrica, na complementaridade fala-se de rigidez. Nas relações simétricas se tem uma guerra mais ou menos aberta e na complementaridade se tem o que os autores dizem ser mais importante do ponto de vista patológico e se baseia na desconfirmação do eu no outro. Numa interação complementar rígida, busca-se manter o padrão da relação, desconsiderando a importância do ajuste da relação nas diferentes fases e situações. Watzlawick et al. (1967, p. 97) citam o exemplo da relação complementar mãe-filho que necessita de ajustes na medida em que o filho cresce e afirmam: “Assim, dependendo do contexto, o mesmo padrão pode ser eminentemente confirmativo do eu, numa dada altura, e desconfirmativo numa fase subsequente (ou prematura) da história natural de uma relação.” Uma mãe que continua cuidando de seu filho, de modo a torná-lo dependente de seus cuidados mesmo na vida adulta, poderá gerar no

indivíduo um sentimento de incapacidade de tomar suas próprias decisões. “Nesses casos, ocorre desconfirmação e não rejeição das opiniões ou do comportamento do outro. O outro ‘não existe’, sequer é considerado pelo outro membro” (Marcondes Filho, 2006, p. 113).

Um outro exemplo citado pelos autores é o que se pode chamar, na psicanálise, de relações em que podem ser observados claramente traços de caráter sádicos e masoquistas, nas quais se tem “ligação mais ou menos fortuita entre dois indivíduos, cujas respectivas formações divergentes de caráter se adaptam mutuamente” (Watzlawick et al., 1967, p. 97). Os autores abordam, de modo mais superficial, a possibilidade de um terceiro tipo de interação, ao qual chamaram de Metacomplementaridade, mas não será abordado neste trabalho.

Neste ponto, se acrescenta uma pequena contribuição proveniente da teoria psicanalítica, mais especificamente de um olhar sobre os fenômenos narcísicos. Assim, quanto ao sadismo, pela perspectiva de necessidade de completude narcísica, há que se considerar as contribuições do psicanalista húngaro Béla Grunberger (1903-2005). Essa contribuição nos convida a refletir acerca do sadismo, que seria constituído pelo desejo de controle absoluto sobre o outro, com a finalidade precípua de aumento do próprio poder. (Grunberger, 1979)

Estudiosos do autor, que inclusive é pouco conhecido, mesmo dentro da teoria psicanalítica, Machado et al. (2021) reiteram o seu pensamento:

O autor associa, ao eixo do narcisismo, fenômenos referentes às disputas nas relações, os quais, através de outro olhar teórico, estariam contemplados somente em uma dimensão pulsional (pela via da agressividade e pela pulsão de morte). O sujeito carregaria consigo uma imposição interna de, nas relações, sempre necessitar “colocar a salvo sua honra narcísica. (Machado et al., 2021, p. 10)

Dentro das perspectivas dos autores citados acima, controle e domínio são próprios do espectro narcisista ligados ao sadismo e o corpo do outro vira desfrute (posse, propriedade) propiciando um sentimento fantasioso de compensar a própria fraqueza. O jogo intersubjetivo seria de domínio sobre a fraqueza do outro, com inefável e instantânea ilusão de grandeza e poder.

Método

Este artigo configura-se como um estudo de caso clínico, realizado a partir de uma revisão bibliográfica relacionada ao que se pretende estudar, que são os cinco axiomas da comunicação, segundo Watzlawick et al. (1967).

Os trechos das falas, explanados neste estudo, foram retirados de anotações de sessões de psicoterapia. Os nomes de todos os sujeitos foram modificados e alguns dados, que poderiam sugerir qualquer identificação, foram omitidos para garantir a ética e o sigilo.

É importante ressaltar que o método de estudo de caso possui origem controversa, conforme aponta Ventura (2007). De acordo com Yin (2015), é um método que objetiva compreender fenômenos sociais complexos, preservando elementos importantes e significativos de eventos da vida real. Para (Denscombe, 2003 como citado em Serralta et al., 2011, p. 502): “Um caso é um fenômeno individual

que é tomado como unidade de análise e interesse: nos estudos de caso, o caso é um fenômeno individual, particular, complexo e único”.

O estudo de caso é um método amplamente utilizado em estudos de psicologia e psicanálise. Pereira et al. (2009) reforçam que é um procedimento “utilizado habitualmente na intervenção clínica com objetivo de compreensão e planejamento da intervenção, destacando-se pela possibilidade de integração de diferentes técnicas e campos do conhecimento”. Ainda sobre esta metodologia:

Os estudos de caso têm várias aplicações. Assim, é apropriado para pesquisadores individuais, pois dá a oportunidade para que um aspecto de um problema seja estudado em profundidade dentro de um período de tempo limitado. Além disso, parece ser apropriado para investigação de fenômenos quando há uma grande variedade de fatores e relacionamentos que podem ser diretamente observados e não existem leis básicas para determinar quais são importantes. (Ventura, 2007, p. 385)

No entanto, sabe-se das limitações desta metodologia e os autores as reconhecem, afirmando: Por outro lado, nas últimas décadas, o crescente reconhecimento dos problemas clínicos e científicos associados ao relato de casos (como, por exemplo, a tendenciosidade do observador/relator, a omissão ou perda de dados, e os efeitos da intenção de estudar o caso sobre o tratamento) abriu caminho para o estudo sistemático de casos únicos ou múltiplos, realizado através de medidas objetivas aplicadas a sessões gravadas de psicoterapia ou análise. (Serralta et al., 2011, p. 502)

Ainda assim, para o que se pretende estudar neste artigo, considera-se o método mais adequado e aplicável e utilizamos uma afirmativa dos autores que apresentam um estudo sobre este método.

Com base na revisão da literatura realizada, pode-se entender o estudo de caso como um subtipo de pesquisa de caso único, que constitui uma estratégia de investigação naturalística e flexível, mediante a utilização de múltiplos métodos (quantitativos e/ou qualitativos) e variadas fontes de evidências e informações para descrever de forma intensiva e profunda um ou mais casos individuais (seja o paciente, a díade paciente-terapeuta, o processo terapêutico etc.), focalizando as variações intrassujeitos através do tempo, a fim de testar proposições teóricas (hipóteses) ou gerar explicações a serem testadas e/ou confirmadas em estudos ulteriores. Diferenciam-se, portanto, estudos de caso empíricos e estudos de caso clínicos. (Serralta et al., 2011)

Apresentação do Caso Clínico

Na tentativa de fazer uma relação dos axiomas da comunicação em situações reais, além dos exemplos trazidos pelos autores do conceito, buscou-se analisar um caso clínico sob o acompanhamento de uma das autoras deste trabalho. O processo terapêutico se deu de forma individual e em consultório particular e todas as falas destacadas são da paciente, aqui chamada de Flora.

Importante salientar que serão feitos recortes da fala da paciente em questão somente para ilustrar alguns dos axiomas apresentados. Como se trata da fala de uma única pessoa, deve-se considerar a possibilidade de desvios de interpretação e percepção, inerentes a todo processo de comunicação.

Para análise do caso, foram considerados outros conteúdos, que não puderam ser expostos integralmente por questões éticas, relacionadas ao sigilo profissional.

Mais importante, deve ser evidente que a nossa análise foi de sucessivas declarações. Nenhuma declaração isolada pode ser simétrica, ascendente complementar, ou seja, o que for. É a resposta do parceiro que se faz necessária, é claro, para a "classificação" de uma dada mensagem. Quer dizer, não está na natureza de qualquer das declarações como entidades individuais, mas na relação entre duas ou mais respostas a definição das funções de comunicação. (Watzlawick, et al., 1967, p. 105)

O leitor irá perceber que a análise neste trabalho foi além da relação conjugal e queixa inicial, pois traz algumas observações sobre a relação da paciente em questão com sua mãe por entendermos que há elementos importantes na comunicação das duas que se repetem na relação conjugal e em todas as outras interações que a paciente possui. Considerou-se, então, a interferência do que Lisboa et al. (2007, p. 52), comentam sobre transmissão intergeracional: "compreende a travessia de uma geração à seguinte de legados, rituais e tradições, a qual pode ser consciente ou inconsciente". Para ilustrar, segue um trecho de uma fala da paciente em questão: "Minha mãe me criou para ser boazinha. Não consigo dizer que não gostei de alguma coisa nem com as minhas amigas, para ninguém. Não consigo colocar limites..." [sic].

Em artigos de algumas de suas obras é possível ver que Winnicott (1990) aborda a interação primitiva mãe-bebê e a constituição dos aspectos iniciais do ego com base nas possibilidades inaugurais de comunicação entre ambos. Ele enfatiza a importância de uma situação paradoxal entre comunicar-se e não se comunicar, e entre presença compartilhada e isolamento pessoal.

Para Winnicott (1990), comunicar-se está ligado de modo fundamental a relacionar-se com objetos. A capacidade para relacionar-se com objetos não surge naturalmente com a maturação, na medida em que depende também da qualidade da provisão ambiental oferecida. A mãe tem um papel importante de não destruir, através de comportamentos invasivos, a capacidade criativa do bebê.

Ao longo de encontros satisfatórios entre as necessidades do bebê e a provisão ambiental, ocorre uma transição: de relacionar-se com objetos subjetivos para relacionar-se com objetos objetivos, quando surge a adaptação ao princípio de realidade. Essa transição é significativa, porque: "Nas fases iniciais do desenvolvimento do ser humano, a comunicação silenciosa da mãe e o bebê se relaciona com o aspecto subjetivo dos objetos. Isso se liga ao conceito de realidade psíquica de Freud e do inconsciente que não pode nunca se tornar consciente" (Winnicott, 1990, p. 168).

Pode-se ainda dizer que falhas neste tipo de comunicação, significam um ambiente relacional pouco responsivo, o que significa precariedade na comunicação consigo mesmo, não reconhecendo seus estados emocionais, tampouco sendo capaz de reconhecer os dos outros.

A discussão do caso a seguir e a análise dos axiomas não obedeceu a ordem sistemática dos cinco axiomas propostos pelos autores, pois uma mesma situação ou fala pode trazer diferentes características da interação, que se adequa a mais de um axioma.

Dados Familiares e Queixa Inicial

Flora é uma jovem de 20 e poucos anos, recém-formada e continua estudando. Sua mãe tem a mesma profissão. É a filha primogênita de três filhos e seus pais são separados desde a sua infância.

Na relação familiar, é possível notar que, além de primogênita, Flora é também coroada confidente e a preferida de sua mãe. Na infância, por ter presenciado muitos episódios de agressão verbal e física de seus pais, relata ter tido aversão ao pai.

Flora chega à psicóloga com a queixa de não compreender as atitudes do namorado, João, que tem o dobro da sua idade e com quem está há quase quatro anos. “Somos praticamente casados, mas não dependo financeiramente dele. Gostaria de saber o que a Psicologia acha de uma pessoa como meu namorado, que mente, é explosivo, que me difama quando está longe de mim, dizendo que sou uma interesseira e que gosto de homens jovens. Um homem que tem vídeos de sexo entre homens e *travecos* [italico nosso] no computador, pênis de borracha no armário, paga pensão a um filho que nega ser dele, traição com prostitutas.... Não sei o que pensar” [sic]. E acrescenta: “Parece que eu não o conheço. Cada hora descubro uma coisa nova dele. O João nunca assume nada, nunca se desculpa de nada” [sic].

Além destas queixas com o namorado, a paciente reitera sua insegurança e ansiedade e insinua manter com sua mãe, um relacionamento simbiotizado. Numa de suas falas, é possível perceber, inclusive, um pedido para que esta relação seja trabalhada: “Preciso cortar o cordão umbilical com a minha mãe. Ela vive o meu sofrimento como se fosse dela” [sic].

Discussão do Caso Clínico

Apresenta-se, neste tópico, a discussão do caso, considerando os elementos já apontados. Iniciamos contextualizando uma das situações trazidas pela paciente sobre uma de suas brigas com o namorado. Percebe-se que João mantém uma relação de disponibilidade integral, ao mesmo tempo em que ambos parecem se aprisionar numa teia em que, embora Flora o responsabilize, sobra-lhe culpa, como: “mas eu também já o agredi fisicamente, quando o unhei, depois de crise de ciúmes dele...” [sic]. E reforça em outra fala: “Meu tio me disse que eu era tão doce. Perdi a doçura. Fiquei igual ao João, ríspida, agressiva. Ele sempre é assim com todo mundo. Parece que fui pegando isso dele...” [sic].

Neste trecho, pode-se identificar um possível comportamento simétrico, pontuado no axioma cinco, no qual ambos se comunicam com o uso da agressividade, seja ela física ou verbal. Assim, como já pontuado anteriormente nas referências teóricas, nas relações em que a igualdade entre os parceiros toma a característica de uma escalação simétrica, tem-se um grau de competitividade instalado entre os parceiros, quase que num ringue, no qual um busca ganhar do outro, que é tão semelhante. Para Watzlawick et al. (1967) as escaladas acontecem até que parem para uma trégua por conta de exaustão física ou emocional e voltam para o assalto seguinte após refeitos.

A teia, a qual o casal foi tecendo, tem o namorado que parece nunca assumir o que a namorada descobre e ela que não consegue romper, de fato, com o relacionamento, justificando não suportar a solidão. Relata, ainda, o seu desejo de se casar e constituir uma família, mas as atitudes do namorado inspiram desconfiança, não sendo o suficiente para o rompimento, mas para reforçar a manutenção de

sua insegurança: “Ele já pediu em casamento, mas tenho medo dele ser vasectomizado. Não acredito nele!” [sic].

A comunicação verbal e não-verbal mantida por João, com falas que ao, mesmo tempo, o posiciona como alguém que deseja Flora, contém, também, evasivas. Como visto no axioma um, “é impossível não se comunicar” e “tudo possui valor de mensagem”, João esconde fatos de sua vida e, quando Flora tenta confrontá-lo, João parece desqualificar as ações da parceira, iniciando-se um continuum na relação, com acusações nas quais Flora justifica a sua ação investigadora. A namorada consegue senhas do celular e do notebook de João e permanece numa posição de procurar algo a ser descoberto a respeito de uma vida oculta do namorado. Sua insegurança, em relação ao parceiro, torna-se ainda maior quando encontra um fato novo e ele, por sua vez, reforça sua posição de superioridade e mantém a parceira cada vez mais insegura, quase que numa posição de inferioridade. Pode-se entender que, neste exemplo específico, diferentemente do exemplo anterior, há uma interação do tipo complementar relatada no axioma cinco, com desconfirmação de João em relação à Flora, que se põe confusa e em dúvida sobre si e os fatos descobertos.

Parece importante para um entendimento mais profundo do mundo interno de Flora, neste momento, aportar algo do que foi descrito anteriormente, em conexão com a teoria freudiana: o inconsciente como uma máquina do tempo. Fica-se com uma certa ideia de que Flora, nos permanentes embates com João, pode estar recriando um cenário primitivo, onde ela era testemunha ocular dos episódios de agressão verbal e física de seus pais. Buscaria Flora uma vingança ao pai aversivo na relação atual? Esse fenômeno profundamente subjetivo funcionaria como uma prisão em que a paciente está enredada? São hipóteses que auxiliam no entendimento da manutenção de uma relação com requintes ora sádicos, ora masoquistas.

Retornando à relação de complementaridade, pode-se identificar o mesmo padrão de comunicação da paciente com a sua mãe, a quem chamaremos de Marilda. Como ambas têm a mesma profissão, Marilda acolheu a filha em seu ambiente de trabalho para atuar profissionalmente, colocando-se como a tutora de Flora e por isso, frequentemente, a desautoriza diante de clientes, chamando a atenção de Flora para o que julga errado, mesmo em procedimentos nos quais tem pouca ou nenhuma experiência. Além disso, parece manter uma relação de submissão de Flora ao desejo de sua genitora, quando Marilda opina nas escolhas que Flora faz em seu relacionamento conjugal.

Na medida em que os atendimentos avançaram, ampliou-se a compreensão da queixa de insegurança citada no primeiro atendimento. O padrão estabelecido por mãe e filha, no qual uma se posiciona como a que sabe e a filha a que aprende ou a que pouco sabe, denota uma relação complementar, que até então mantinha-se com um equilíbrio quase homeostático porque Flora não questionava os efeitos desse arranjo. Com seus novos questionamentos, supõe-se que haverá um momento de conflito entre elas até que a nova dinâmica seja incorporada pelas duas.

Flora tem sido acolhida em terapia para fortalecer o seu ego, pois demonstra muita insegurança e ansiedade, como ela mesma queixa-se, não conseguindo compreender o contexto da teia em que ela e João se encontram e nem mesmo a relação com a sua mãe.

É possível dizer que com os pacientes que tiveram uma maternagem não suficientemente boa ou interrompida, a psicoterapia poderá proporcionar um novo começo do verdadeiro self com um ego

forte, capaz de organizar suas próprias defesas contra as ansiedades derivadas dos impulsos e das experiências do id. Do mesmo modo que uma mãe deve agir com o seu bebê, o analista também deve ser capaz de acolher a demanda do paciente, ajudando-o a reconhecer os aspectos bons e maus, bem como a estabelecer a distinção entre eles. Através da sobrevivência do analista, o sujeito pode organizar-se psiquicamente (Winnicott, 1947/2000) e, para isso, ele também deve se dar conta dos seus próprios medos e do seu próprio ódio. Tal situação acontece porque no trabalho terapêutico há um envolvimento com o paciente à medida que primeiro se fica vulnerável; depois ocorre a identificação com a criança que depende dele e então, é oferecido ao paciente suporte para que cresça e se torne independente. (Reghelin, 2013, p. 05)

Com o processo terapêutico, a paciente se põe a refletir sobre a relação com sua mãe, o que antes era tido como natural começa a gerar incômodo: “Não sei como falar com a minha mãe, mas fico muito irritada” [sic]. Para que a complementaridade entre as duas seja saudável e mais flexível, elas terão de ajustar seus padrões, o que ocorrerá, provavelmente, quando conseguirem se metacomunicar. “A capacidade de metacomunicar adequadamente é não só a condição *sine qua non* da comunicação bem sucedida, mas está intimamente ligada ao grande problema da consciência do eu e dos outros” (Watzlawick et al., 1967, p. 49). No exemplo específico do ambiente de trabalho, a filha poderá ser uma referência para a mãe em assuntos nos quais domina e Marilda poderá fazer suas observações de modo mais reservado ou passar a considerar que há diferença entre as duas no modo de atuarem profissionalmente. Desta forma, haverá possibilidade de novos arranjos entre elas, construindo uma relação mais satisfatória para ambas.

Em uma das sessões, Flora contou que João sempre desacredita sua imagem junto às esposas de amigos, dizendo que ela só gosta de homens ricos e jovens. Ao ouvir tal acusação, Flora diz se sentir injustiçada. Tal situação remete-nos ao axioma dois: Toda comunicação tem dois elementos: o conteúdo e a relação entre as pessoas que se comunicam, o sujeito é parte da comunicação, conforme apontam os autores:

Birdwhistell foi ainda mais longe, ao sugerir que um indivíduo não comunica; ele se envolve em comunicação ou torna-se parte da comunicação. Pode movimentar-se ou fazer ruídos (...) mas não comunica. De um modo paralelo, ele pode ver, pode ouvir, cheirar, provar ou sentir — mas não comunica. Por outras palavras, ele não origina a comunicação; participa dela. Portanto, a comunicação como sistema não deve ser entendida como um simples modelo de ação e reação, por mais complexamente que seja descrito. Como sistema, tem de ser compreendido no nível transacional. (Watzlawick et al., 1967, p. 15)

Considerando este axioma, não somente o conteúdo da fala de João, mas a sua forma de exposição, chama a atenção e leva ao questionamento: qual sua intenção ao falar em público sobre uma situação que o deixa numa situação desfavorável?

Refletindo especificamente sobre o axioma três - Pontuação de eventos - avaliamos que a demanda de terapia de Flora vem ao encontro com a proposta de tentar mudar a pontuação dos eventos de seu relacionamento. Embora não tenha ainda essa consciência e apesar da submissão de Flora às mensagens verbais e não-verbais do namorado, a jovem, ao iniciar o tratamento psicológico, vem

buscar a resposta de qual personalidade se trata o namorado e com o decorrer das sessões de seu tratamento a queixa vai se delineando e a paciente pode se questionar acerca de sua posição subjetiva. Ao conseguir questionar a sua posição subjetiva, há possibilidade de sair da teia na qual se encontra.

Na relação do casal, não houve relatos de Flora que remetessem ao axioma quatro, mas é possível identificá-lo na relação mãe e filha, quando as comunicações digital e analógica são contraditórias. “Tem horas que a minha mãe diz para eu voltar o relacionamento com o João, mas demonstra outra coisa com as suas atitudes, me fazendo pensar que eu esteja errada. Ela me confunde...” [sic]. A mãe tem mensagens verbais e não-verbais dúbias, em que aprova e, ao mesmo tempo, desaprova as atitudes de Flora.

Quando a paciente leva à terapia questões como: “Não consigo ficar sozinha e o João está disponível para mim o tempo todo, inclusive se ausentando de uma reunião importante de trabalho para atender ao meu telefonema” [sic] e acrescenta “Não conseguirei ter outro namorado, pois os homens não querem nada no outro dia. O João já está aí...” [sic]. Flora também diz que João espera o mesmo comportamento de disponibilidade integral da parte dela, reclamando quando telefona e não é atendido de imediato. Nessa interação, percebe-se que há uma tentativa forçada da parte do namorado em buscar uma simetria de comportamentos, explanada no axioma cinco. O que torna essa interação conflituosa é o fato de que nem sempre Flora está disponível ou quer estar disponível para atendê-lo a qualquer hora, havendo pouco respeito da parte de João em relação às limitações e aos desejos da namorada.

Como se pôde notar, foi possível, com os pontos mais importantes destacados em algumas sessões do processo terapêutico, identificar os diferentes axiomas postulados por seus criadores e reforçados por pesquisadores que os utilizam como referência.

Considerações Finais

Este artigo teve como propósito a discussão de um caso clínico à luz dos Axiomas Comunicacionais de teóricos americanos da cidade Palo Alto, Califórnia: Watzlawick, Beavin e Jackson, em que se constatou que dificuldades comunicacionais primárias impactaram diretamente no tipo de relação que a paciente conseguiu construir consigo e com o seu par conjugal.

Pequenos subsídios, amparados em recortes da teoria psicanalítica, foram adicionados para maior amplitude de entendimento, especialmente quanto à necessidade de Flora de se vingar e, paradoxalmente, ao mesmo tempo, ser vítima de uma relação espelhada naquela moldada pelo próprio casal parental.

Veio a lume que a comunicação se origina do silêncio, apresentando-se na interação com o outro, pois a informação transmitida é apenas parte de um todo, que é o tipo de relação que se estabelece.

Quando uma pessoa se comunica com outra, está oferecendo uma definição de si mesma ao interlocutor e espera uma resposta. Isso porque a resposta, seja ela verbal ou gestual, será como um espelho que permite à pessoa reconhecer-se.

O trabalho da psicoterapia visou à passagem da queixa sintomática da paciente para a enunciação de fantasias, de afetos e de padrões relacionais conscientes e inconscientes e, posteriormente, a sua retificação subjetiva, o que originaria a mudança de suas relações comunicacionais.

No fragmento de caso clínico apresentado neste artigo, a terapia tem a função de auxiliar a paciente em questão, tanto em seu processo de autoconhecimento e fortalecimento de seu ego, quanto compreender a relação comunicacional que mantém com o seu namorado e com a mãe.

É possível, ainda, dizer que a mãe, assim como a psicóloga, deve abster-se de comportamentos invasivos para não destruir a capacidade do bebê, no caso da relação mãe-bebê e do paciente adulto, em contactar a realidade de forma criativa.

Apesar de ser um estudo vasto e complexo, conhecer e estudar uma visão sobre os aspectos da comunicação contribuiu para um olhar diferenciado sobre a relação conjugal, do caso em questão, e também sobre a relação da paciente com sua mãe, que, em princípio, não era objeto deste estudo.

Puderam-se identificar, de forma geral, os cinco axiomas e seus reflexos na relação. Ao se discutirem os trechos analisados, fica latente como a comunicação é um fenômeno complexo, que sofre interferências de aspectos linguísticos, culturais e de processos internos dos sujeitos envolvidos e, por isso, a continuidade de seu estudo se faz imprescindível para a prática profissional e, porque não dizer, nas demais relações que todos temos.

Como sugestão para futuros trabalhos abordando o mesmo tema, recomenda-se a inclusão do conceito de *double-bind* (duplo-vínculo), também estudado pelos autores de Palo Alto e que, apesar de terem maior foco nas personalidades esquizofrênicas, poderá contribuir para o avanço do entendimento da comunicação na relação conjugal e nas relações em geral.

Referências

- De Mathis, R. C. S. (2013). *Reflexões sobre boas parcerias: Watzlawick, Rosenberg, Maturana e a Comunicação Humana*. UNIFESP/USP, São Paulo-SP. <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/download/9582/6342>
- Féres-Carneiro, T., Mello, R., Machado, R. N., & Magalhães, A. S. (2017). Falhas na comunicação: Queixas secundárias para demandas primárias em psicoterapia de família. *Trends in Psychology*, 25(4), 1773-1783. <https://doi.org/10.9788/tp2017.4-13pt>
- Freud, S. (1915/1996). O Inconsciente. J. Strachey (Ed. & Trad.) *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 14, 165-209). Imago.
- Guarnieri, A. C. M. (2007). *A comunicação no vínculo conjugal*. [Tese de doutoramento. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo].
- Grunberger, B. (1979). *El narcisismo*. Editorial Trieb.
- Hintz, H. C. (2002). Entre o amor e o ódio nas relações conjugais. *Pensando Famílias, Porto Alegre*, 4(4), 39-47.
- Lisboa, A. V., Féres-Carneiro, T. & Jablonski, B. (2007). Transmissão intergeracional da cultura: Um estudo sobre uma família mineira. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 51-59. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000100007>

- Luna, I. J., & Scapini, A.I.N. (2019). Mudanças na comunicação ao longo da terapia de abordagem sistêmica: Um estudo de caso. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(2), 210-225. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000200013&lng=pt&tlng=pt.
- Machado, C. M. N., Justen, D. E., Machado, E. M., Machado, R. M., & Sirangelo, R. (2021). Que palhaço carrega uma arma? Reflexão sobre o Coringa e as vinganças narcísicas. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(1), 1-15.
- Marcondes Filho, C. (2006). O silêncio na sala: Sobre o declínio da comunicação na vivência conjugal. *Comunicação, mídia e consumo*, 3(8), 95-127.
- Martins, A. (2009). Uma violência silenciosa: Considerações sobre a perversão narcísica. *Cadernos de Psicanálise - CPRJ*, 31(22), 37-56.
- Pereira, L. T. K., Godoy, D. M. A., & Terçariol, D. (2009). Estudo de caso como procedimento de pesquisa científica: Reflexão a partir da clínica fonoaudiológica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 422-429. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000300013>
- Reghelin, M. M. (2013). Sobre o sentimento de consideração com o outro (concern). *Rabisco Revista de Psicanálise*, 3(1), 101-108.
- Ruesch, J. & Bateson, G. (1951). Communication, the social matrix of psychiatry. W. W. Norton & Company. In *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 278(1), 220-221. <https://doi.org/10.1177/000271625127800158>
- Serralta, F. B., Nunes, M. L. T., & Eizirik, C. L. (2011). Considerações metodológicas sobre o estudo de caso na pesquisa em psicoterapia. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 28(4), 501-510. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000400010>
- Ventura, M. M. (2007). O estudo de caso como modalidade de pesquisa pedagogia médica. *Revista SOCERJ*, 20(5), 383-386.
- Watzlawick, P, Beavin, J. & Jackson, D. D. (1967). *Pragmática da comunicação humana: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. Cultrix.
- Winnicott, W. D. (1963/1990). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Artes Médicas.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Bookman Editora.

Endereços para correspondência

cynthiasilvamachado@yahoo.com.br;
prof.claudiamarinho@gmail.com

Enviado em 28/01/2021

1ª revisão 07/01/2022

2ª revisão 25/04/2022

3ª revisão em 30/04/2022

Aceito em 31/05/2022